

"Um livro meticulosamente detalhado em uma pesquisa sobre o homem
que mostrou que a maldade pode se erguer de qualquer lugar."

THE INDEPENDENT

JACK EL-HAI

O
NAZISTA
E O
PSIQUIATRA

Hermann Göring,
Dr. Douglas M. Kelley, a
história real de um
encontro de mentes
fatal no final da Segunda
Guerra Mundial



 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA PUBLICAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

JACK EL-HAI

**O
NAZISTA
E O
PSIQUIATRA**

**Hermann Göring,
Dr. Douglas M. Kelley, a
história real de um encontro
de mentes fatal no final da
Segunda Guerra Mundial**

Tradução
Solange Pinheiro



Copyright © Jack El-Hai, 2013
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2016, 2025
Copyright da tradução © Solange Pinheiro, 2016
Todos os direitos reservados.
Título original: *The Nazi and the Psychiatrist*

Coordenação de produção editorial: Ana Paula Felipe
Preparação: Clara Diamant
Revisão: Rosemary Lima e Ana Paula Felipe
Diagramação: Agwm produções editoriais
Capa: Daniel Justi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

El-Hai, Jack

O nazista e o psiquiatra / Jack El-Hai ; tradução de Solange Pinheiro.
– 2. Ed. – São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

320 p. : il., color.

ISBN 978-85-422-2999-8

Título original: *The nazi and the psychiatrist*

1. Ficção norte-americana I. Título II. Pinheiro, Solange

24-5338

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra 986, 4º andar – Consolação

São Paulo – SP – 01415-002

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

1

A CASA

Os Kelleys viviam em uma *villa* esparramada, em estilo mediterrâneo, na Highgate Road, nas colinas de Kensington, ao norte de Berkeley, Califórnia. Seu telhado vermelho se erguia bem acima das águas distantes e oscilantes da baía, porém mais perto, além das quatro varandas e dos caminhos de pedra do jardim, e abaixo de uma encosta coberta de sequoias e de árvores frutíferas, ficavam as lápides do Cemitério de Sunset View.

Um pequeno carrossel e uma piscina para crianças se localizavam no centro do quintal da casa em forma de U dos Kelleys. A porta da frente se abria para um corredor com a cozinha à esquerda, onde o médico preparava as refeições da família usando um grande fogão, uma grelha e um moedor de carne. A cozinha se ligava a uma despensa com um *freezer*. O filho mais velho certa vez se sentou no topo do eletrodoméstico que zumbia e pensou em matar o pai com um machado.

O corredor da entrada conduzia a um banheiro do lado direito – cenário de um espetáculo macabro que aconteceu no primeiro dia de 1958 – e, depois dele, ficava a sala de estar, onde havia uma lareira, um grande sofá e a cadeira de couro verde do próprio médico. A sala era acarpetada, com a mobília colocada contra as paredes para abrir espaço para os hóspedes. Às vezes, o dr. Kelley fazia nessa sala um jogo com o filho mais velho: o menino tinha de sair da sala, e, durante sua

ausência, o médico mexia um lápis em cima da mesa de centro. Ao voltar, o menino tinha de descobrir o que havia sido mudado.

Depois da sala de estar ficava o quarto de dormir do dr. Kelley e de Dukie, que tinha vista para a parte de trás do terreno de quase 2 mil metros quadrados. As crianças se esgueiravam através do corredor para um pequeno *closet*, de onde conseguiam ouvir as brigas dos pais.

Na sala de jantar, escadas manchadas de preto levavam para o andar de cima da casa. Lá, um buraco de bala, escondido sob um tapete, deixava uma marca no piso de madeira de um corredor banhado pela luz do sol que entrava pelas janelas altas. Antes de chegar ao escritório do dr. Kelley, o corredor passava por um *closet* que ocultava os itens de mágica e os adereços para as apresentações que fazia.

A vista da janela do escritório oferecia um panorama maravilhoso da baía da Golden Gate e da torre da prisão de Alcatraz. Virando a cadeira de sua mesa para ficar de frente para a vista, o dr. Kelley poderia fixar o olhar em Alcatraz e se lembrar dos meses em que trabalhara em outro presídio, em Nuremberg. Sua mesa era organizada. Ele conservava, em armários e em um pequeno laboratório, serras de ossos, uma mesa de laboratório, almofarizes, queimadores de álcool, cilindros e provetas graduados, coleções de cristais, amostras de plantas organizadas em lâminas de vidro, dois crânios humanos e uma grande variedade de produtos químicos, muitos deles tóxicos.

As crianças dormiam nos quartos do porão. Elas sentiam medo da imprevisibilidade das visitas de boa-noite do dr. Kelley. Quando ouviam o rangido causado pelo peso dele nos degraus, elas tinham alguns segundos para se prepararem para qualquer que fosse seu estado de espírito.

A última discussão começara na cozinha. Com frequência, quando o dr. Kelley e Dukie brigavam, ela arrumava a bolsa e sumia de casa o dia todo. Dessa vez, o dr. Kelley saiu aos berros da cozinha, subiu apressado as escadas e foi para seu escritório. Depois de alguns minutos ele saiu, trazendo alguma coisa oculta na mão. Ele desceu as escadas e parou no mezanino, que ficava acima da sala como se fosse um palco. Gritou uma frase que aterrorizou e deixou perplexos sua esposa, seu pai e os filhos. Então colocou algo na boca e engoliu.

2

MONDORF-LES-BAINS

O avião, um pequeno Piper L-4, não podia sair do lugar. Seu único passageiro, Hermann Göring – antigo ás da Primeira Guerra Mundial, chefe da outrora temida Força Aérea e oficial mais elevado da hierarquia do Terceiro Reich que ainda estava vivo –, era pesado demais para uma decolagem segura.

Esse era um interlúdio pouco habitual para Göring. Durante semanas ele estivera em um estado de movimento, incerteza e perigo contínuos. Ele havia abandonado seu amado chalé de caça e propriedade do partido, Carinhall. Suportara um confinamento forçado sob as ordens de Adolf Hitler, depois de se oferecer, a seu ver de modo heroico, para assumir o controle do governo nazista. Logo em seguida, Göring ficou sabendo das ordens dadas por Martin Bormann às forças alemãs para matá-lo, e ele escapou da custódia da SS (Schutzstaffel, o Esquadrão de Proteção).

Menos de quarenta e oito horas antes de subir a bordo do Piper, no dia anterior à rendição da Alemanha, 7 de maio de 1945, Göring havia mandado, através da linha de batalha que se desintegrava, uma carta para o comando militar norte-americano. Ele reconhecia o iminente colapso da Alemanha nazista e se oferecia para ajudar os Aliados a formar um novo governo do Reich. O general de brigada do Exército norte-americano, Robert I. Stack, espantou-se com a audácia

do remetente, e logo estava liderando um comboio de soldados em jipes para capturá-lo. Eles se depararam com a caravana de veículos do próprio Göring perto da cidade austríaca de Radstadt. Göring estava em um Mercedes-Benz equipado com vidros blindados.

O motorista cutucou Göring e disse: “Os norte-americanos estão aqui, Herr Marechal do Reich”. Inclinando-se na direção de sua mulher, Emmy, Göring disse: “Tenho um bom pressentimento a respeito disso”. Stack saiu de um veículo do Exército norte-americano, e os homens trocaram cumprimentos. Göring e sua mulher, outrora um dos casais mais poderosos da Europa, haviam chegado ao fim de sua guerra. Emmy se desfazia em lágrimas. Esse encontro com os oficiais inimigos em uma estrada lotada de refugiados “certamente foi um momento extremamente penoso para nós”, ela escreveu tempos depois.

Stack telefonou para o escritório de campo do general Dwight D. Eisenhower, comandante supremo das Forças Aliadas na Europa, dando notícias sobre a captura de Göring. Este, que se considerava o mais carismático e internacionalmente admirado dos líderes alemães, acreditava que Eisenhower logo iria ordenar sua libertação. Soldados norte-americanos escoltaram Göring e sua família até o Castelo Fischorn, perto de Zell am See, onde Göring fez brincadeiras com seus captores enquanto sua família se instalava em cômodos no segundo piso e jantava com Stack. Göring disse para Emmy que iria partir no dia seguinte para se encontrar com Eisenhower, mas que logo estaria de volta.

– Não se preocupe se eu ficar fora por um ou dois dias mais – ele disse. Depois de pensar um pouco, acrescentou: – Para dizer a verdade, tenho a sensação de que tudo ficará bem. Você não acha?

Göring passou a noite no quartel-general do Sétimo Exército norte-americano em Kitzbühl, onde uma vez mais solicitou um salvo-conduto e um encontro com Eisenhower. Seus captores disseram-lhe que não era muito provável que tal encontro acontecesse. No entanto, Stack e sua equipe trataram Göring com muita cortesia: o líder nazista bebeu champanhe durante recepções com soldados norte-americanos, posou para fotografias e deu uma entrevista coletiva,

e foi tratado por uma última vez como o mais alto representante de Estado que ele acreditava ser.

* * * * *

Na manhã seguinte, usando seu uniforme cinzento da Força Aérea, Göring foi levado à cabeceira de uma pista de decolagem nas vizinhanças, até a pequena cabine do Piper, onde ficou evidente que a aeronave não seria capaz de transportar seu corpo de 122 quilos.

Alguém achou um avião um pouco maior, um Piper L-5, que tinha potência para transportar o prisioneiro nazista. Göring embarcou e se acomodou no banco traseiro, mas surgiu outro empecilho para uma viagem segura. Ele não conseguia prender o cinto de segurança em sua barriga. Göring segurou a ponta solta e disse, “*Das gut*”, para o piloto da Força Aérea norte-americana que estava no controle, capitão Bo Foster. Então, em um gesto de indiferença, ele colocou o cotovelo para fora, apoiando-o na fuselagem, enquanto Foster taxia-va o avião na pista e o fazia decolar.

O Piper voou por cinquenta e cinco minutos até Augsburg, Alemanha, onde oficiais de inteligência do Sétimo Exército americano estavam à espera. Durante o trajeto, Göring e Foster misturaram alemão e inglês ao discutir a vista aos pés deles. Göring apontou para campos de pouso e localidades industriais que ele reconhecia. Também falaram sobre outros assuntos. Foster perguntou quando a Alemanha havia começado a desenvolver aviões a jato, e Göring respondeu, “Tarde demais”, e riu. O Marechal do Reich era espirituoso e jovial. Foster trazia uma pistola .45 no coldre de ombro, mas caso seu prisioneiro, um hábil piloto, tivesse tentado se aproveitar da proximidade entre eles para assumir o controle da aeronave, Foster não teria sido capaz de tirar uma das mãos dos instrumentos para se defender. Ele e o mais famoso prisioneiro de guerra do mundo estavam indefesos um em relação ao outro.

Depois de aterrissarem, Foster pediu a Göring para autografar um relatório de voo em branco. Passar uma hora em tão grande intimidade com Göring o havia abalado. “Eu pude ver que ele era como

um de nossos oficiais, caso [um deles] tivesse sido apanhado”, lembrou ele décadas mais tarde. “Eu não diria que isso mudou meu ponto de vista sobre a guerra, mas me mostrou que há...”. Deixou que a frase ficasse sem terminar. “Bem”, retomou, “fiquei me questionando tudo o que sabíamos sobre aquelas pessoas más.”

Emmy e Edda Göring, a mulher e a filha de cinco anos do Marechal do Reich, foram transportadas para o Castelo de Valdenstein, uma residência que a família possuía na Francônia.

* * * * *

Em Augsburg, Göring perdeu seus privilégios. Seus guardiões se apropriaram de seu valioso bastão de Marechal do Reich, um cabo de marfim de 2,2 quilos, enfeitado com águias de ouro e cruzeiros de platina e com 640 diamantes incrustados, que Hitler lhe dera em 1940. Entretanto, ele ainda comia e bebia no refeitório dos oficiais (talvez para fazer com que ele fosse mais cooperativo durante os interrogatórios), fruía dos olhares assombrados dos soldados norte-americanos e gozava da atenção da imprensa internacional. Pela última vez, ele falou com seu irmão mais novo, opositor do nazismo, Albert, que havia apoiado a resistência tcheca durante a guerra e frequentemente ajudava judeus perseguidos. Para Albert, Göring insinuou que ele sabia que provavelmente iria ficar sob custódia por um longo tempo. “Você logo vai ser libertado”, ele teria dito para Albert. “Então, cuide de minha mulher e de minha filha. Adeus.”

Eisenhower continuou a ignorar os pedidos de Göring para uma reunião “de homem para homem”, e logo o prisioneiro soube que deveria se preparar para outra mudança, no dia 20 de maio. Tendo recebido permissão para levar um auxiliar, Göring escolheu Robert Kropp, seu ajudante pessoal havia muito tempo.

O destino de Göring era Mondorf-les-Bains, em Luxemburgo, onde os norte-americanos haviam estabelecido um centro de interrogatórios conhecido por Cinzeiro. (Com a mesma irreverência, os britânicos haviam chamado um de seus centros de detenção para inimigos de Lata de Lixo.) Göring deve ter se sentido mais alegre

ao saber qual era seu destino, porque Mondorf, uma antiga estação de águas encravada entre as fronteiras de Luxemburgo com a França e a Alemanha, era conhecida por suas vinícolas, seus parques, seus campos floridos e seus bons hotéis. Antes de sua chegada, entretanto, os soldados norte-americanos que faziam os preparativos para os transportes de prisioneiros nazistas haviam removido a mobília do decorado mas decadente Palace Hotel, deixando os quartos de hóspedes vazios, a não ser por camas de armar com colchões de palha. Foram embora os candelabros, bem como os vidros das janelas que permitiam encantadoras vistas da cidade, substituídos por barras de metal e lâminas inquebráveis de acrílico. Os soldados também construíram uma paliçada ao redor do hotel, com quatro torres de vigia equipadas com metralhadoras, e logo iriam instalar holofotes, cercas de arame farpado eletrificado com 4,5 metros de altura e outros postos de metralhadoras.

Com tais toques de decoração, era difícil para o novo comandante do Cinzeiro, o coronel do Exército norte-americano Burton C. Andrus, manter oculto o propósito do antigo hotel. Mas ele tentou, mesmo quando outros nazistas famosos foram para lá. Entre os primeiros a chegar estavam o grande almirante Karl Dönitz, o último chefe de Estado da Alemanha nazista (a quem Hitler nomeara seu sucessor em uma derradeira manifestação de melindre contra Göring); o comandante das Forças Armadas Wilhelm Keitel e seu adjunto, Alfred Jodl; Robert Ley, um diretor da Frente para o Trabalho mentalmente instável que não manifestava interesse por sua alimentação ou bebida na qualidade de prisioneiro, mas solicitava com urgência companhia feminina; Hans Frank, antigo governador nazista da Polônia, já um veterano de duas tentativas de suicídio no cativeiro; o escritor da filosofia nazista Alfred Rosenberg, que se recuperava de uma torção no tornozelo sofrida depois de uma bebedeira quando a guerra terminou; Hjalmar Schacht, diretor do Banco Central da Alemanha, que se opusera a Hitler durante a guerra e havia acabado em um campo de concentração; e Julius Streicher, editor do notório jornal antisemita *Der Stürmer* [A Tropa de Assalto], que havia passado seus últimos dias de liberdade na Baviera fazendo de conta

que era um pintor de paisagens. Andrus acabou se encarregando de cinquenta e dois oficiais de alto escalão do Exército alemão e de altos funcionários do governo em Mondorf. Ele recordou que temia ataques contra seus prisioneiros alemães vindos do exterior, “ou levados a cabo por nazistas fanáticos tentando resgatar os presos, ou pelos cidadãos de Luxemburgo, que odiavam não apenas os nazistas, mas todos os alemães, depois do impiedoso tratamento a que eles haviam sido submetidos [durante a guerra]”. Um grupo de 176 luxemburgueses, que se recuperavam em Mondorf depois de sobreviverem aos horrores do campo de concentração de Dachau, estava entre os que não poderiam ser culpados por desejarem linchar os líderes nazistas.

Andrus levou sua ocupação a sério. Epítome da secura da classe militar, com seu capacete reluzente, os óculos com aros de metal, modo de falar conciso e porte rígido, ele insistia que os prisioneiros nazistas o tratassem com deferência, como o oficial comandante deles. Embora a revista *Time* o descrevesse como “uma figurinha rechonchuda, parecida com um pombo *pouter* inchado”, o coronel era um apaixonado por polo aquático, nascido no Estado de Washington, tinha quase 1,80 metro e pesava mais de 72 quilos. Distinguiu-se como oficial da cavalaria durante a Primeira Guerra Mundial e também servira como administrador de um centro de detenção militar em Forte Oglethorpe, na Geórgia. Antes de sua chegada ao forte, a disciplina do presídio era um desastre. As fugas eram frequentes, e os assassinos condenados impunham suas próprias regras por meio do que Andrus chamava de “farsas judiciárias”. Para iniciar Andrus, os condenados da Geórgia haviam assaltado e destruído a ala das celas. Ele forçou os líderes da confusão a limpar a bagunça, mandou construir celas solitárias e estabeleceu novas regras de conduta. Então deu ordens aos guardas para que atirassem em qualquer prisioneiro que tentasse fugir. Depois disso a disciplina ficou excelente.

Göring chegou ao Cinzeiro descontente com o desrespeito mostrado pelos guardas norte-americanos mascadores de chiclete que o haviam conduzido desde o aeroporto. Ainda usando seu uniforme da Força Aérea e suando copiosamente, Göring compareceu ao escritório de Andrus. Este não gostou de Göring desde o momento em

que os dois se encontraram. “Com a gordura derivada da boa vida balançando sob seu dólmã, ele ostentava uma figura maciça”, observou Andrus, acrescentando que considerava Göring um “pateta cho-ramingas”. Göring arrefeceu sob o olhar avaliador do comandante.

Junto com seu ajudante, Kropp, Göring trouxera uma dúzia de malas com monogramas e uma grande caixa vermelha de chapéus. Os funcionários do presídio passaram uma tarde inteira revistando o conteúdo delas em busca de contrabando e esquadrinhando itens como medalhas militares incrustadas de pedras preciosas; anéis de diamante e de rubi; joias brasonadas com suásticas; abotoaduras enfeitadas com pedras semipreciosas; a Cruz de Ferro de Göring na Primeira Guerra Mundial; roupas íntimas de seda; quatro uniformes militares; chinelos de quarto; uma bolsa de água quente; quatro pares de óculos; dois cortadores de cigarro; e um sem-fim de relógios, alfinetes de gravata e cigarreiras. Göring também se munira com dinheiro, num total de 81.268 reichsmarks (equivalente hoje ao poder de compra de cerca de um milhão de dólares). Ele se vangloriou de que um dos anéis continha a maior esmeralda que ele jamais vira em sua longa experiência como colecionador de pedras preciosas. A pedra tinha 2,5 centímetros de comprimento e 1,25 centímetro de largura. Muitas dessas posses haviam sido roubadas de países ocupados, os falcantes espólios de guerra.

Escondido em uma lata de café e nas costuras das roupas de Göring, um conjunto de frascos de bronze continha pequenas cápsulas de um líquido claro com um precipitado branco: o mortal cianureto de potássio. Muitos dos altos dirigentes nazistas – incluindo o ministro do Interior e chefe da Polícia alemã, Heinrich Himmler, e possivelmente o ministro da Propaganda, Joseph Goebbels – já haviam cometido suicídio usando cápsulas semelhantes, ou logo viriam a fazê-lo. Göring confidenciou para seu ajudante, Kropp, que ele dera um jeito de esconder em sua cela pelo menos uma cápsula de cianureto.

O comandante mandou Göring para sua cela, antes um quarto luxuosamente mobiliado que provavelmente tinha papel de parede e uma janela com vista e agora estava vazio, a não ser por uma mesa frágil, uma cadeira e uma cama sem travesseiro. Göring, relatou

Andrus, despedaçou a cadeira na primeira vez em que sentou nela. “Se ele tivesse sentado sobre a mesa, ela teria desabado imediatamente”, observou Andrus, “pois ela havia sido feita de modo que um prisioneiro não pudesse subir nela para se enforcar”. A preocupação com tentativas de suicídio também levou Andrus a fornecer cadarços para os sapatos com 10 centímetros de comprimento, curtos demais para o autoestrangulamento ou para amarrar os sapatos.

Um exame médico inicial confirmou que Göring estava muito acima do peso. Sua pulsação era oitenta e quatro, com batimentos irregulares; sua respiração era rápida e superficial; suas mãos tremiam, e ele aparentava estar “em condições físicas muito precárias”, observou o médico que o examinara. Göring relatou ter um histórico de ataques cardíacos.

A princípio grosseiro com os guardas e nervoso por ter sido detido como um suspeito de um crime – ele frequentemente imbuía de sarcasmo o ato de se levantar para ficar em posição de atenção, cumprimentar e bater os calcanhares na presença da equipe do presídio –, Göring continuou a protestar para Eisenhower. Em Mondorf, ele reclamou, estava recebendo um tratamento “que me abalou profundamente, na qualidade de oficial alemão de alto posto e marechal”. Ele reclamou que seu quarto não tinha luz ou maçaneta na porta; que quase todos os seus pertences pessoais lhe haviam sido retirados; que o confisco de suas medalhas e do bastão de marechal era humilhante; que soldados aliados de baixo escalão o depreciavam; e, talvez o mais perturbador, que fora privado dos serviços de seu ajudante pessoal, Kropp, o qual as autoridades Aliadas haviam enviado para fazer trabalhos manuais em outro lugar como prisioneiro de guerra. (Antes de Kropp partir de Mondorf, o que quase levou Göring às lágrimas, o criado realizou uma última tarefa para seu patrão: roubar um travesseiro, que os norte-americanos quase na mesma hora pegaram de volta.) Göring pediu a Eisenhower que o levasse de avião de Mondorf para visitar a família e que devolvesse Kropp ou mandasse outro empregado alemão como seu criado de quarto. O comandante aliado não respondeu. Andrus ficou furioso, entretanto, e repreendeu os prisioneiros:

Embora não deseje me intrometer no direito de vocês escreverem cartas relacionadas a supostos roubos de propriedade ou outras violações dos direitos humanos, o ato de escrever sobre as inconveniências ou falta de conveniências, ou sobre suas opiniões quanto a quaisquer indignidades ou deferência devida a vocês, é infrutífero e tende somente a desgostar as autoridades... O comandante, seus superiores, os governos aliados e o público das nações do mundo não se esqueceram das atrocidades cometidas pelo governo alemão, por seus soldados e seus funcionários civis. Apelos feitos pelos perpetradores e por envolvidos nessas condições para aumento de conforto tenderão somente a acentuar qualquer tipo de desprezo com que eles já sejam considerados.

Apesar da repreensão, Göring se transformou em um enfadonho crítico do presídio, encontrando defeitos em tudo, principalmente na comida. Andrus insistia que a comida podia ser favoravelmente comparada à dos guardas do presídio. O cronograma do presídio especificava que Göring e os demais prisioneiros se levantassem cedo e se reunissem às 7h30 da manhã na sala de jantar, um cômodo escuro com entrada em arcos, para um café da manhã composto por sopa, cereais e café. O almoço consistia tipicamente em sopa de ervilhas, carne picada com legumes e espinafre, e eles terminavam o dia com ovos em pó, batatas e chá para o jantar. Cada prisioneiro usava uma única colher e enrolava seus próprios cigarros. Andrus determinava onde os prisioneiros se sentariam para as refeições, às vezes deixando como vizinhos de mesa prisioneiros que não gostavam muito um do outro. O comandante contou uma história sobre Göring receber o jantar e se lamentar para um empregado alemão prisioneiro de guerra: “Esta comida não é tão boa quanto [a que] eu dava para meus cachorros”. O prisioneiro respondeu: “Bem, se for esse o caso, o senhor alimentava seus cachorros muito melhor do que alimentou qualquer um de nós que serviu sob suas ordens na Força Aérea”.

Essa história, possivelmente apócrifa, demonstra a animosidade de que Andrus sentia por Göring. Assim como muitos dos inimigos desse nazista, passados e atuais, Andrus pode ter interpretado

erradamente Göring como uma personagem de filme banal, o tipo de manipulador grosseiro a quem o investigador britânico de Nuremberg, Airey Neave, descreveu como “o homem gordo em incontáveis filmes que se afasta com a gangue de assassinos de sua refinada mesa de jantar”. Como Neave descobriu, no entanto, Göring “era muito mais astuto e perigoso do que qualquer personagem de cinema”.

* * * * *

Hermann Göring, com cinquenta e dois anos de idade na época de sua captura, era filho de um juiz e funcionário público na colônia do Sudoeste Africano Alemão (atual Namíbia). Antigo ás da aviação que certa vez foi abatido e levou o crédito da destruição de vinte e dois aviões inimigos para a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, Göring alcançou *status* de celebridade ao conduzir até a Alemanha a unidade de aviões que ele comandava no fim da guerra e por se recusar a se render aos Aliados. Ele recebeu o Pour le Mérite, a então mais alta condecoração militar de seu país, por suas façanhas.

No fim da década de 1920, Göring era um estudante na Universidade de Munique, onde ouviu pela primeira vez Adolf Hitler falar em uma plataforma improvisada. “Vocês têm de ter baionetas para dar respaldo às suas ameaças”, ele recordava da mensagem de Hitler. “Bem, aquilo era o que eu queria ouvir. Ele queria criar um partido que tornaria a Alemanha forte e acabaria com o Tratado de Versalhes. ‘Bem’, eu disse com meus botões, ‘esse é o partido para mim! Fora com o Tratado de Versalhes, diabos! É isso o que eu quero!’”. Incerto quanto aos rumos de sua carreira e amargurado por causa do desmanche das Forças Armadas alemãs, Göring devorou a mistura de nacionalismo, antissemitismo e anticomunismo de Hitler. Ele apoiou o movimento Nacional-Socialista – então pequeno e aberto para novos adeptos, que poderiam rapidamente subir para posições de liderança – para expressar seu ódio contra a República de Weimar que surgira na Alemanha, ajudar a destruí-la e assumir uma posição de comando no governo que a sucedesse. O Partido Nazista era jovem,

mas “isso significava que eu logo poderia ser um homem importante dentro dele”, disse Göring mais tarde. Seu plano, alimentado pelo oportunismo e por seu desejo de poder pessoal, finalmente foi concretizado. “Hermann ou vai ser um grande homem ou um grande criminoso!”, previra sua mãe.

Enquanto formava seu nascente movimento nazista, Hitler reconheceu as vantagens da fidelidade de Göring e de seu histórico como herói de guerra. Ele levou Göring a liderar os paramilitares da SA (Sturmabteilung) [As Tropas de Assalto], o primeiro de um impressionante número de postos e de honras que Göring acumularia como líder nacional-socialista. “Para Hitler, Göring era um combatente originário da classe média alta que poderia conquistar o respeito de homens de negócios e de antigos oficiais do Exército, e era, acima de tudo, um homem de inabalável fidelidade”, observou o historiador Eugene Davidson. Sob a pressão dos membros da República de Weimar, Göring partiu então da Alemanha e viveu na Itália e na Suécia por muitos anos, observando a distância o crescimento do Partido Nazista.

Em 1927, Hitler recebeu Göring de volta a uma organização nazista mais forte que estava prestes a eleger membros para o Parlamento, o Reichstag. Depois da ascensão dos nazistas ao governo em 1932, Göring, então um dos mais altos organizadores do partido, planejou algumas das ações mais conhecidas do governo ou desempenhou papéis importantes nelas: o *putsch* de Roehm em 1934, que eliminou a liderança rival da SA considerada uma ameaça para Hitler; a criação da Gestapo (polícia secreta); a criação dos primeiros campos de concentração para inimigos do nazismo; e a perseguição a oponentes políticos a quem Hitler culpava pelo incêndio do Reichstag de 1933. Durante o resto da década de 1930, Göring desempenhou um papel crucial na incriminação de inúmeros nazistas e oficiais do Exército cujo comportamento parecia uma ameaça para Hitler e para ele próprio; nas Leis de Nuremberg, que limitavam os direitos civis dos judeus alemães; em decisões que legalizavam o extermínio de judeus; e, em estreita parceria com Hitler, nos planos dos preparativos da Alemanha para a guerra, entre muitas outras ações. Esse envolvimento profundo em tantos dos piores crimes da Alemanha nazista

posteriormente levou o promotor norte-americano em Nuremberg, Robert Jackson, a declarar: “Göring metia sua colher torta em todos os assuntos”. Göring caiu na gargalhada quando os tradutores do júri lutaram para repetir a frase de Jackson em alemão.

Na época da Segunda Guerra Mundial, os títulos de Göring – superados em quantidade entre os nazistas somente pelos inúmeros honoríficos do próprio Hitler – incluíam presidente do Reichstag, adjunto de Hitler, primeiro-ministro da Prússia, ministro da Aviação do Reich e comandante em chefe da Força Aérea, ministro da Economia, membro do Conselho Secreto do Gabinete, diretor do gigantesco conglomerado industrial Hermann Göring Works, marechal de campo, presidente do Conselho do Reich para a Defesa Nacional e mestre das Florestas e da Caça do Reich. O mais precioso dos títulos de Göring era o de Marechal do Reich – um posto correspondente ao de um general de seis estrelas –, alcançado apenas uma vez na história, cerca de duzentos anos antes, por outra pessoa, o príncipe Eugenio de Savoia.

Com menos autoridade apenas do que Hitler, Göring oficialmente se tornou o sucessor designado do Führer em 1935. Ele despendeu uma grande quantidade de energia no cumprimento de seus deveres, tornando-se inestimável para o governo nazista. Ao mesmo tempo, sua vasta riqueza aumentou por meio de roubos e de trapagens. Ao contrário de muitos outros no regime nazista, Göring projetava uma jovialidade que conquistou a afeição dos soldados e dos pilotos nos primeiros anos da guerra. Ele adorava desfiles, uniformes e medalhas, e certa vez, em uma época em que se usavam roupas formais para conferências diplomáticas, se encontrou com o presidente norte-americano Herbert Hoover usando uma camisa de seda vermelha enfeitada com um lenço preso por um alfinete de esmeralda. Em Carinhall – sua grandiosa casinha de brinquedo no interior da Prússia, batizada em honra de sua primeira mulher – ele mantinha leões domesticados, aparecia perante os hóspedes com lança e capacete como se fosse um combatente do século XVI, operava uma ferrovia em miniatura projetada com todo o luxo, assistia a filmes de caubóis e índios e exibia peças de arte roubadas de museus e de colecionadores por toda a Europa.

Quando a guerra se voltou contra a Alemanha e a Força Aérea entrou em colapso, as excentricidades de Göring perderam seu encanto. Sua influência sobre Hitler diminuiu, e seu valor como conselheiro enfraqueceu, à medida que outros, principalmente Heinrich Himmler, Joseph Goebbels, Albert Speer e Martin Bormann, ocuparam seu lugar. Ele ficou cada vez mais recluso; mantinha-se afastado das frentes de batalha e passava mais tempo caçando, se apropriando de obras de arte e lidando com seus brinquedos. Com a rendição da Alemanha, apenas um de seus títulos, Marechal do Reich, permaneceu. Somente a relutância do chefe da Gestapo, Ernst Kaltenbrunner, em cumprir as ordens de execução de Hitler sem confirmação escrita salvou a vida de Göring.

* * * * *

Os guardas que revistaram a bagagem de Göring descobriram imensas quantidades de pequenos tabletes feitos de ingredientes desconhecidos. Logo depois da chegada de Göring, um guarda mostrou para Andrus uma cara maleta de viagem de couro e disse: “Achei que o senhor deveria ver isto”. Andrus abriu a maleta, olhou fixamente para o que ele chamou de “a maior coleção de comprimidos que já vi em minha vida” – após uma inspeção detalhada, cerca de 20 mil comprimidos –, e na mesma hora chamou Göring em seu escritório. Göring explicou que tinha o costume de ingerir quarenta desses comprimidos por dia para cuidar de seu problema cardíaco. Mas esses comprimidos não eram parte de nenhum tratamento normal para problemas cardíacos. No fim da guerra, Göring havia acumulado uma quantidade de remédios muito maior do que a que impressionara Andrus; ele tinha jogado muitos comprimidos na privada, acreditando que seria desonroso ter tantos remédios em sua posse quando fosse capturado.

Andrus não aceitava as afirmações de Göring quanto aos ingredientes ou à eficácia dos comprimidos; então, enviou uma amostra para o diretor do FBI, J. Edgar Hoover, em Washington. Hoover a mandou para Nathan B. Eddy, PhD, pioneiro no estudo de dependência em

remédios no Bureau of Narcotics Research [Agência de Pesquisa de Remédios] do Departamento de Saúde Pública dos Estados Unidos. A análise de Eddy confirmou que os comprimidos não continham substâncias para problemas cardíacos, mas paracodéina, um eficaz analgésico e “um narcótico relativamente raro, não usado nos Estados Unidos”, observou Hoover. O FBI considerava o potencial da paracodéina de causar dependência semelhante ao da morfina, e alertou os funcionários da prisão de Mondorf para que não suspendessem a paracodéina de Göring de modo abrupto. Hoover solicitou que fosse informado sobre a recuperação do nazista. (Göring com certeza não sabia da análise feita pelo FBI, mas deduziu o interesse de Hoover por ele quando dois agentes do FBI posteriormente foram até Mondorf em busca de um souvenir para o museu da instituição em Washington. “Pensem só, eu aparecer no famoso museu do FBI com o revólver de John Dillinger e a máscara do Baby Face Nelson”, exclamou Göring. “É uma ideia incrível!”. Ele parou de repente, entretanto, quando compreendeu as implicações dessa solicitação. “Ahá, já fui acusado formalmente. Um criminoso famoso. No futuro, as crianças norte-americanas irão estremecer quando virem um souvenir do maldoso Marechal do Reich na coleção do FBI.” Finalmente, os agentes o persuadiram a contribuir com uma de suas dragonas militares.)

A provisão de comprimidos de Göring, que ele havia solicitado a fabricantes alemães, se aproximava bastante do suprimento total mundial da droga sintética. Desenvolvida pelas indústrias farmacêuticas alemãs quatro décadas antes, a paracodéina é um depressor com um ingrediente ativo relacionado quimicamente ao do ópio. “A paracodéina preenche um vazio entre a codeína e os grupos [de drogas] da morfina”, observou uma revista farmacêutica alemã do começo do século XX. “Quando a paracodéina é administrada, assim como a codeína, em doses pequenas, ela com frequência age com maior intensidade do que a codeína. Comparado com a codeína, o medicamento tem maior poder sedativo.”

Göring era viciado e, para satisfazer suas necessidades, fez com que farmacêuticos manipulassem comprimidos com doses baixas especialmente para seu uso. Cada comprimido continha dez miligramas

da droga, com cinco comprimidos fazendo o efeito narcótico de sessenta e cinco miligramas de morfina, mais do que o suficiente para anestesiá-la uma pessoa comum. No fim da guerra, Göring com frequência pontuava o trabalho e as reuniões com pausas, de modo que pudesse ingerir esses comprimidos.

Andrus não admitiria que sua prisão acolhesse um viciado. No dia 26 de maio, o sexto dia de Göring em Mondorf, Andrus ordenou que a equipe médica da prisão – um alemão chamado Ludwig Pflücker e o norte-americano William “Clint” Miller – suspendesse o uso da paracodéina pelo prisioneiro. Eles começaram reduzindo a dose diária de Göring para trinta e oito comprimidos, e então para dezoito no dia 29 de maio. Um ansioso Göring começou a contar os comprimidos que recebia e “mostrava que estava aborrecido e, embora isso, não demonstrava efeitos”, escreveu Andrus nos relatórios da prisão. Dois dias depois, entretanto, Göring teve uma crise de bronquite, e o pessoal de Mondorf retomou temporariamente o fornecimento da droga. “Em minha opinião, uma redução ainda maior no tamanho da dose, ou a suspensão completa da droga, iria produzir uma reação mental e física muito séria no paciente”, Miller relatou a Andrus. Muitas semanas iriam se passar antes que alguém tomasse a iniciativa de continuar com a reabilitação de Göring.

* * * * *

Com o processo de suspensão da droga ainda por terminar, um novo membro da equipe chegou a Mondorf no começo de agosto. Ele havia sido enviado do 130º Hospital Geral do Teatro Europeu de Operações do Exército norte-americano, onde trabalhava como psiquiatra consultor e estava encarregado dos serviços psiquiátricos oferecidos aos milhares de soldados dos Estados Unidos.

Com aparência jovem, ossatura sólida e bastante atraente, cabelos castanhos e ondulados, o recém-chegado era o capitão Douglas McGlashan Kelley, um médico nascido na Califórnia. Ele estava completando três anos de serviço médico no Exército norte-americano. Sua responsabilidade em Mondorf, como Andrus logo lhe explicou,

era manter a saúde mental de Göring e de outros prisioneiros nazistas, até que o destino deles fosse decidido.

Depois de se instalar, Kelley passou um tempo com todos os nazistas de alto escalão em Mondorf, mas ele se encontrou com Göring pela primeira vez para fazer um exame médico. Göring deve ter notado que aquele jovem psiquiatra não tinha o comportamento distante e sério que ele talvez estivesse esperando. Kelley falava em voz alta e de modo direto, e com frequência erguia e abaixava as sobrancelhas espessas para expressar ênfase. Ele começou seus exames iniciais com gentileza, em primeiro lugar esquadrinhando o histórico médico do nazista. Kelley não sabia o que esperar de seu mal-afamado paciente. Ele ouvira Göring ser chamado de tudo, “de um vilão maquiavélico a um eunuco gordo e inofensivo, tendo a tendência geral sido a de identificá-lo com um mero satélite de Hitler, que passava os dias em busca de medalhas, glória e riquezas”, escreveu tempos depois Kelley.

Um membro da equipe de Mondorf que já conhecia o mais mal-afamado prisioneiro da instituição era John Dolibois, um nativo de Luxemburgo de rosto honesto e amável, cidadão norte-americano e oficial do Exército que trabalhava no serviço de informações. Quando menino, ele havia visitado o Grand Hotel durante seus dias de glória, antes de sua família emigrar para Akron, Ohio. Trabalhando na prisão desde maio de 1945, ele tentou proteger seus parentes na Alemanha dizendo para os detidos que seu nome era John Gillen. Entre os prisioneiros, Dolibois tinha a reputação de ser um pouco “maleável”, e assumiu as funções de assistente social – ajudando-os com seus problemas e necessidades, e muitas vezes prestando atenção em suas reclamações –, buscando informações valiosas para transmitir aos interrogadores militares que entrevistavam os prisioneiros regularmente. Muitos dos nazistas falavam abertamente, acreditando que jamais seriam julgados por seus crimes. “Não precisávamos usar de estratégias para fazer com que nossos prisioneiros falassem”, recordou Dolibois. “Nós às vezes tínhamos trabalho para fazer com que eles se calassem. Quase todos os homens no Cinzeiro estavam ansiosos para falar. Eles se sentiam negligenciados se não tivessem sido interrogados por alguém por vários dias.” A fluência de Dolibois

em alemão, bem como sua formação em psicologia na Universidade de Miami, fez dele o tradutor ideal para Kelley, que tinha apenas um conhecimento básico da língua.

Homem sociável, Göring sentia muita falta de estímulos sociais. Ele recebeu bem as atenções do médico, e em um de seus primeiros encontros se vangloriou para Kelley de prestar muita atenção ao próprio corpo. O Marechal do Reich, na verdade, declarou ter o físico mais admirável de toda a Alemanha. Ele descreveu “com detalhes minuciosos cada cicatriz e marca em sua pele”, escreveu Kelley, que começou a esboçar um histórico médico:

5 kg ao nascer. Não era gordo – esguio quando criança – começou a engordar em 1923.

1916 – 16 de novembro. Baleado – bala no flanco direito – estilhaços de metal e estofamento. Hosp. até jan. 1917 – cicatriz de 16 cm...

Foi baleado na coxa – em 1923, em Munique – no dia 9 de nov. 23 a março de 24.

Na época recebeu morf. injetável. Depois de sair do hospital, tomou via injeções e via oral de 6 meses a 3 anos.

Kelley ficou curioso a respeito da montanha de posses que chegara ao Cinzeiro com Göring. A coleção de artigos de higiene pessoal e de acessórios do prisioneiro impressionou o psiquiatra, que reparou em loções e talco para o corpo entre as provisões, mas não maquiagem, conforme diziam os rumores. O que realmente chamou a atenção de Kelley entre os tesouros do nazista foram os três anéis. Eles eram “brinquedinhos realmente grandes”, escreveu Kelley, um encimado por um imenso rubi, outro com um diamante azul incrustado, e o terceiro trazia uma esmeralda. Até ser preso, Göring “sempre levava esses anéis, para que pudesse escolher a cada dia a cor que mais combinasse com seu estado de espírito”, segundo disse para Kelley. O psiquiatra também prestou bastante atenção na imensa esmeralda guardada entre os pertences de Göring.

Göring falou com orgulho para Kelley sobre seu bem-estar, sua força e suas proezas como esportista. “Eu sempre fui atlético”, disse

para Kelley, enquanto se sentavam lado a lado no catre do prisioneiro, “e até os últimos anos da guerra eu passava muito tempo esquiando, caçando e escalando montanhas”. Göring parecia acreditar que o perigo real jamais poderia ameaçá-lo. Em uma ocasião, na juventude, ele havia ficado parado observando uma avalanche arremeter ao seu redor nos Alpes austríacos, enquanto seus companheiros fugiam para se salvar, e em outra ocasião havia repreendido seus amigos por entrarem em pânico quando o bote deles ficou à deriva perto da queda de uma catarata. “Se nós cairmos, nós morremos, e não há nada que se possa fazer a respeito; então, para que ficar excitado?”, Göring lembrou-se de ter gritado aos amigos.

Kelley fez perguntas para Göring a respeito de seus hábitos pessoais, e Göring respondeu que comia com gosto, ingeria álcool com moderação e, às vezes, fumava charutos. “Ele alega ter uma vida sexual normal e afirma que ela não mudou depois de ele ter engordado durante a década de 1920”, escreveu Kelley.

O psiquiatra então abordou o vício em remédios de Göring. Como explicou para Kelley, vinte e cinco anos antes ele havia participado do famoso *putsch* da cervejaria em Munique, uma tentativa fracassada, por parte de membros do Partido Nazista, de assumir o controle do governo do Estado alemão da Baviera. Göring, que já era um dos principais assessores de Hitler, ajudou a planejar a revolta; organizou a tropa de assalto nazista, que intimidou cidadãos e ocupou prédios do governo, e incitou uma multidão que ocupava a cervejaria de Munique onde Gustav von Kahr, um funcionário de alto escalão da Baviera, estava fazendo um discurso. Depois de vinte e quatro horas de tomada de reféns e de confusão, os nazistas e membros da Polícia Estadual da Baviera lutaram nas ruas de Munique, trocando tiros, o que deixou vinte pessoas mortas e muitos feridos. Hitler e seus apoiadores foram derrotados, e Göring levou um tiro na coxa. Uma subsequente infecção o deixou hospitalizado por muitos meses, durante os quais a dependência da droga se estabeleceu. Enquanto os médicos cuidaram de sua perna, Göring recebeu repetidas doses de morfina para diminuir a dor. Gradualmente, o ferimento cicatrizou, mas a necessidade que ele tinha de morfina persistiu. Quando os médicos interromperam as

injeções, Göring recorreu ao mercado negro para obter comprimidos de morfina. Exilado da Alemanha devido ao seu papel no *putsch*, estava procurando trabalho como consultor de aviação quando ele e sua primeira esposa, Carin, se mudaram para a Suécia em 1924.

Ele levou seu vício consigo. Reclamava que a dor na perna havia ficado insuportável, e que a ociosidade causada pelo desemprego o deixava se sentindo inútil. Aumentou a ingestão diária de morfina. A droga às vezes o deixava delirante, não confiável, falante, maníaco, com mania de grandeza e insone. Ela exacerbava suas emoções como fogos de artifício, desencadeando ataques de raiva e de violência. Jogava a mobília pelo apartamento. A morfina superestimulava suas secreções hormonais, e seu peso aumentou rapidamente para quase 136 quilos. O esbelto e impetuoso herói da aviação da Primeira Guerra Mundial havia engordado de modo grotesco.

Göring transformou a vida de Carin em um inferno. Os médicos disseram a ela que ele era um perigo para si próprio e para os outros. Ela o internou no Hospital Aspudden, onde, de acordo com as terapias de tratamento para dependência da época, médicos suecos reduziram de modo abrupto o acesso dele à morfina. Göring foi para o hospital voluntariamente, mas não imaginava as agonias que o esperavam. Os médicos negaram seus pedidos de mais morfina e lhe disseram que ele deveria enfrentar a suspensão da droga como um homem. Tomado pela raiva, o desejo e a frustração, atacou uma enfermeira, tentou tomar à força o estoque de drogas do hospital e ameaçou se matar. Göring teve de se submeter a uma camisa de força antes de ser transferido para uma instituição muito mais rígida: o Hospício Langbro para Insanos.

Os três meses seguintes em Langbro eram para ele apenas um amontoado de imagens pavorosas. Atendentes o amarraram em um quarto com paredes estofadas para evitar que ele se machucasse, e o deixaram lá por dias. Ele não tinha acesso à morfina, e suportou o impacto avassalador dos agonizantes sintomas da abstinência da droga. Deixado aos cuidados da mulher, Göring voltou a usar morfina, e logo estava de volta a Langbro para outra sessão de supressão abrupta. Ele repetiu o tratamento na Alemanha em 1927, e disse para Kelley

que tomou uma dose final de morfina durante o inverno de 1928–29 para tratar uma dor de garganta. Göring então interrompeu o uso de drogas por muitos anos, mesmo com a morte de Carin em 1930 e a subsequente ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha.

Apesar do uso ocasional e controlado de remédios para perder peso e para dormir, Göring parecia ter abandonado o vício em remédios. Uma mudança, porém, ocorreu em 1937, quando uma dor de dentes o levou de volta à dependência. Seu dentista acreditava que o nervosismo e a ansiedade estavam causando a dor, e deu para Göring um vidro de paracodéina, com instruções para ingerir dois comprimidos a cada duas horas até a dor diminuir. Cinco dias mais tarde, quando a dor e os comprimidos haviam desaparecido, Göring, ansioso para vencer seu crescente desejo por morfina, pediu mais. O dentista alertou-o a respeito do potencial para dependência e se recusou a ceder, mas Göring não teve dificuldades para encontrar um suprimento. Logo ele estava tomando dez comprimidos por dia.

Göring deveria ter ouvido os avisos do dentista a respeito da dependência física e psicológica. Embora a paracodéina não lhe desse a sensação de euforia, ele contava com ela para aumentar seu otimismo, seu estado de alerta e encanto. Ela também fazia seu estado de espírito oscilar entre a exaltação e a depressão, e parecia exagerar suas tendências para o egocentrismo, o estilo bombástico e a extravagância nas roupas e na aparência. Ele guardava os comprimidos na sua casa em antigos potes de vidro de Veneza, que lhe davam um conveniente acesso ao narcótico sempre que ele sentia o desejo.

O Marechal do Reich disse para Kelley que havia tomado paracodéina em uma dose relativamente pequena até 1940, quando as tensões do período de guerra se multiplicaram, e ele então começou a consumir até 160 comprimidos por dia. Ele diminuiu essa dose assustadora de consumo no fim daquele ano, mas ela se fez presente de novo quando a derrota da Alemanha começou a se fazer sentir. “Quando foi capturado, ele afirma que estava tomando cerca de 100 comprimidos por dia”, escreveu Kelley em suas observações sobre o exame – cerca de três vezes a dose máxima diária recomendada. Essa,

observou Kelley, não era “uma dose anormalmente grande. Não era o suficiente para ter afetado seu raciocínio em nenhum momento”.

Kelley apelou para o orgulho que Göring sentia de sua força física e de suas proezas para acelerar a suspensão do narcótico. Ele percebeu quão fácil era sugerir para o prisioneiro que ele era um homem mais poderoso que os demais e poderia abandonar o vício rapidamente. Göring reagiu às lisonjas de Kelley com entusiasmo, ocultando as dores na perna e outros sintomas da abstinência que ele sentia, a não ser quando lhe perguntavam especificamente a respeito deles. Kelley reduziu a ingestão de paracodéina de Göring suavemente, e no dia 12 de agosto o prisioneiro estava livre da droga.

O médico estava aprendendo a manipular Göring psicologicamente. Mas ele não percebia como o nazista estava influenciando seu próprio modo de pensar. Ao ocultar informações sobre seu desconforto com a supressão da droga, Göring conseguira convencer Kelley de que seu vício em paracodéina era fraco, mal era um vício. Kelley decidiu que era mais um “hábito”. “Era a necessidade de fazer alguma coisa com as mãos e a boca, de realizar uma ação com a qual ele estava acostumado, e que gostava de fazer”, escreveu. “Assim como os fumantes tomam cuidado para ter um suprimento de cigarros e de tabaco em suas mesas a cada manhã, Göring colocava em sua mesa um vidro contendo uma centena desses pequenos comprimidos. Então, durante conferências ou outros debates, ele estendia a mão, abria o vidro, colocava alguns comprimidos na mão e, jogando-os na boca, mastigava-os lentamente, enquanto continuava a conversar.” Kelley acrescentou: “Posso testemunhar que a dependência dele não era grave”.

Outras pessoas em Mondorf ouviam coisas diferentes de Göring. Ele disse para o comandante Andrus, durante o processo de abstinência, que sua cabeça doía, e que ele não conseguia dormir. Queria voltar à sua antiga dosagem de paracodéina. O indiferente Andrus observou que “ele havia choramingado e reclamado como uma criança mimada quando deixa de ser amamentada”.

O longo histórico de dependência de Göring em derivados do ópio e suas tentativas malsucedidas para restringir seu consumo de

paracodéina durante os períodos de tensão da guerra fizeram com que as alegações de Kelley a respeito de a dependência de Göring não ser severa soassem sem fundamentos. Um aumento de ansiedade, e não de dores na perna, fizera Göring aumentar sua ingestão para dezenas de milhares de comprimidos de paracodéina durante as décadas de 1930 e 1940. Atualmente, a Drug Enforcement Administration [Órgão para o Controle das Drogas] dos Estados Unidos classifica a paracodéina como uma substância Schedule II, o que significa que seu uso pode levar à dependência e é restrito por lei. William Lee, o viciado no romance de William Burroughs, *Almoço Nu*, menciona a paracodéina como uma de suas drogas recreativas favoritas.

O Marechal do Reich jogou com o orgulho profissional de Kelley, lisonjeando-o enquanto se submetia às ordens do médico. Kelley estava satisfeito com o modo como ele conduzia Göring durante o processo, mas não fica claro quem estava conduzindo quem. Nas primeiras semanas do relacionamento deles, Kelley não tinha uma percepção completa do bem-sucedido histórico de Göring de ocultação, manipulação e aguda percepção dos motivos das pessoas que estavam ao seu redor, habilidades que Göring desenvolvera durante sua ascensão na Alemanha de Hitler. Ele não era um viciado comum.

Enquanto superava seu vício em paracodéina, Göring também aceitou a ajuda de Kelley para perder peso. Durante um programa de redução de gordura que durou cinco meses, Göring emagreceu 27 quilos. Proteger o coração de Göring motivou Kelley a conseguir essa redução, mas o médico ofereceu ao seu paciente um motivo diferente: perder peso faria com que Göring tivesse uma aparência melhor. “Ele imaginava se parecer com o herói da Força Aérea de novo”, observou Dolibois, “o altamente condecorado ás do famoso esquadrão Richthofen da Primeira Guerra Mundial”. Göring concordou com o programa de redução de peso e comeu menos. Ele também solicitou alterações na sua indumentária e seu uniforme de preso. Era preciso diminuir 15 centímetros da cintura de suas calças. “Essa concessão foi feita”, reconheceu Kelley, “não porque estivéssemos interessados na aparência de Göring, mas porque sem a reforma ele não conseguiria manter suas calças no lugar.”

Então com melhor saúde, Göring perdeu parte de sua animosidade contra seus captores, e seu estado de espírito melhorou. Ele, porém, continuava ansioso, às vezes acusando os guardas de planejarem matá-lo. Ele não gostava da solidão, e uma noite a violência de uma tempestade, que Göring passou na solidão de sua cela, desencadeou o que a princípio parecia ser um ataque cardíaco. Um médico disse que era somente uma palpitação. Aos poucos, ele reassumiu seu papel de Hermann Göring, o confiante e astuto jogador de poder político que havia dominado amplas porções da Europa antes de ser capturado. Ele ficou mais à vontade, loquaz e fascinante para o psiquiatra encorajadoramente intenso que se sentava e ouvia com paciência cada palavra que ele dizia.

